

Map of
ELF



SUMÁRIO

Livro um

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Livro dois

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Livro um

*E o Rei Elfo prometeu se casar
Com uma filha da Terra, cuja prole
Cruz e água vão abençoar,
Da maldição das fadas vão se livrar.
E se tal dia maldito existir!
Que não esteja por vir! Que não esteja por vir!*

— Edmund Clarence Stedman, “Elfin Song”

PRÓLOGO

Baphen, o Astrólogo Real, apertou os olhos para ler o mapa astral e tentou não vacilar quando pareceu certo que o mais jovem príncipe de Elfhame estava prestes a cair de cabeça.

Uma semana depois do nascimento, o príncipe Cardan enfim seria apresentado ao Grande Rei. Os cinco herdeiros anteriores foram vistos imediatamente, ainda chorando e rosados, mas Lady Asha proibiu a visita do Grande Rei até se sentir adequadamente recuperada do parto.

O bebê era magro e enrugado, e encarava Eldred em silêncio, com olhos pretos. Agitava a cauda de chicote com tanta força que o couro ameaçava se rasgar. Lady Asha não sabia bem como aninhá-lo. Na verdade, ela o segurava como se tivesse esperanças de que alguém lhe tirasse o fardo em breve.

— Diga-nos seu futuro — pediu o Grande Rei. Havia poucas pessoas para testemunhar a apresentação do novo príncipe: o mortal Val Moren, ao mesmo tempo Poeta da Corte e Senescal, e dois membros do Conselho Vivo, Randalin, Ministro das Chaves, e Baphen. No salão vazio, as palavras do rei ecoaram.

Baphen hesitou, mas não podia fazer nada além de responder. Eldred fora favorecido com cinco filhos antes do príncipe Cardan, uma fecundidade chocante entre os feéricos, com o sangue fino e poucos nascimentos. As estrelas previram as realizações de cada pequeno príncipe e princesa; na poesia e

na música, na política, na virtude e até no vício. Mas, daquela vez, o que tinha visto nas estrelas era completamente diferente.

— O príncipe Cardan será seu último filho — disse o Astrólogo Real. — Ele será a destruição da coroa e a ruína do trono.

Lady Asha inspirou fundo. Pela primeira vez, aconchegou a criança junto ao corpo de forma protetora. O bebê se remexeu em seus braços.

— Imagino quem influenciou sua interpretação dos sinais. Talvez tenha o dedo da princesa Elowyn. Ou do príncipe Dain.

Talvez fosse melhor que ela o deixasse cair, pensou Baphen sem gentileza nenhuma.

O Grande Rei Eldred passou a mão pelo queixo.

— Não tem nada que possa ser feito para impedir?

Era uma bênção ambígua que as estrelas oferecessem a Baphen tantos enigmas e tão poucas respostas. Com frequência, ele desejava ver as coisas com mais clareza, mas não daquela vez. Baixou a cabeça como desculpa para não encontrar o olhar do Grande Rei.

— Somente pelo sangue derramado um grande líder pode ascender, mas não antes do que lhe revelei venha a acontecer.

Eldred se virou para Lady Asha e o filho, o arauto da má sorte. O bebê estava silencioso como uma pedra, sem chorar e sem emitir ruídos, a cauda ainda agitada.

— Leve o garoto — disse o Grande Rei. — Crie-o como achar melhor.

Lady Asha nem hesitou.

— Vou criá-lo como sua posição exige. Ele é um príncipe, afinal, e é seu filho.

Havia uma aspereza em seu tom, e Baphen lembrou, apreensivo, que algumas profecias se cumprem pelas ações tomadas para impedi-las.

Por um momento, todos guardaram silêncio. Eldred assentiu para Val Moren, que saiu da plataforma e voltou segurando uma caixa de madeira fina, com um desenho de raízes entrelaçadas na tampa.

— Um presente — disse o Grande Rei —, em reconhecimento a sua contribuição à linhagem Greenbriar.

Val Moren abriu a caixa e encontrou um exótico colar de volumosas esmeraldas. Eldred o pegou e passou pela cabeça de Lady Asha. Ele lhe tocou a bochecha com o dorso da mão.

— Sua generosidade é enorme, meu senhor — agradeceu ela, um tanto apaziguada. O bebê pegou uma pedra com a mãozinha e olhou para o pai com olhos insondáveis.

— Vá descansar agora — sugeriu Eldred, a voz mais suave. Dessa vez, ela cedeu.

Lady Asha partiu com a cabeça erguida, apertando ainda mais a criança. Baphen sentiu um tremor, uma premonição que não tinha nada a ver com as estrelas.

O Grande Rei Eldred não voltou a visitar Lady Asha, nem a chamou para ir até ele. Talvez devesse ter ignorado a insatisfação e dado atenção ao filho. Mas olhar para o príncipe Cardan era como olhar para um futuro incerto, e ele evitava fazer isso.

Lady Asha, como mãe de um príncipe, se viu muito solicitada pela Corte, ainda que não pelo Grande Rei. Dada a caprichos e frivolidades, desejava voltar à vida alegre de cortesã. Como não podia frequentar bailes com um bebê a tiracolo, adotou uma gata com filhotes natimortos e a usou como ama de leite do seu filho.

O arranjo durou até o príncipe Cardan começar a engatinhar e a puxar o rabo do felino. Nesse meio-tempo, a gata ficou prenha de uma nova ninhada e, então, fugiu para o estábulo, também o abandonando.

E foi assim que ele cresceu no palácio, sem ser amado por ninguém e sem ser cuidado por ninguém. Quem ousaria impedir um príncipe de roubar comida das mesas dos nobres e, embaixo delas, devorar o que conseguira com mordidas selvagens? As irmãs e os irmãos apenas riam e brincavam com ele, como fariam com um cachorrinho.

O príncipe raramente usava roupas — preferia as guirlandas de flores, e costumava jogar pedras quando a guarda tentava se aproximar. Ninguém, além da mãe, tinha controle sobre Cardan, e ela quase nunca tentava reprimir seus excessos. Fazia o contrário, na verdade.

— Você é um príncipe — dizia ela, com firmeza, quando ele fugia de um conflito ou desistia de exigir algo. — Tudo é seu. Você só precisa pegar. — E, às vezes: — Quero aquilo. Traga para mim.

Dizem que crianças feéricas não são como crianças mortais. Elas precisam de pouco em termos de amor. Não têm que ser colocadas na cama à noite, mas podem dormir com alegria em

um canto frio de um salão de baile, envolvidas em uma toalha de mesa. Não precisam ser alimentadas; ficam felizes lambendo orvalho e pegando pão e creme na cozinha. Não precisam ser consoladas, pois raramente choram.

Mas, ainda que crianças feéricas não precisem de muito amor, príncipes feéricos necessitam de certa instrução.

Por falta de orientação, quando o irmão mais velho de Cardan sugeriu disparar uma noz na cabeça de um mortal, Cardan não teve a sabedoria de protestar. Seus hábitos eram impulsivos; seus modos, autoritários.

— Uma boa mira impressiona muito nosso pai — argumentou o príncipe Dain, com um sorrisinho provocante. — Mas talvez seja difícil demais. Melhor não tentar do que fracassar.

Para Cardan, que não conseguia atrair a atenção do pai, e a queria desesperadamente, a possibilidade pareceu tentadora. Não se perguntou quem era o mortal, nem como fora parar na Corte. Cardan não desconfiava de que o homem era amado por Val Moren e de que o senescal sofreria demais se ele morresse.

E deixaria Dain livre para assumir uma posição mais proeminente como braço direito do Grande Rei.

— Difícil? Melhor não tentar? Essas são palavras de um covarde — disse Cardan, cheio de bravata infantil. Na verdade, o irmão o intimidava, mas aquilo só o deixava mais desdenhoso.

O príncipe Dain sorriu.

— Vamos ao menos trocar flechas. Se você errar, pode dizer que foi *minha* flecha a se desviar.

O príncipe Cardan devia ter desconfiado da gentileza, mas havia recebido pouca orientação para poder diferenciar se era verdadeira ou falsa.

Então prendeu a flecha de Dain e puxou a corda, mirando na noz. Uma sensação ruim o atravessou. Talvez não acertasse o alvo. Podia machucar o homem. Mas, logo em seguida, sentiu um júbilo furioso com a ideia de fazer uma coisa tão horrível que obrigaria o pai a não mais ignorá-lo. Se não conseguia a atenção do Grande Rei por algo bom, talvez a conseguisse por algo muito, muito ruim.

As mãos de Cardan tremiam.

Os olhos úmidos do mortal o observavam com pânico congelante. Encantado, claro. Ninguém ficaria parado assim por vontade própria. Foi aquilo que o fez decidir.

Cardan forçou uma risada enquanto relaxava a corda e permitia que a flecha mudasse de posição.

— Simplesmente não vou disparar nessas condições — disse ele, se sentindo ridículo por ter recuado. — O vento está soprando do norte e desarrumando meu cabelo. Atrapalhando minha visão.

Mas o príncipe Dain ergueu o arco e soltou a flecha que Cardan trocara com ele. Acertou o mortal na garganta. O homem caiu quase sem som, os olhos ainda abertos, encarando o nada.

Aconteceu tão rápido que Cardan não gritou, não reagiu. Só ficou olhando para o irmão, a compreensão lenta e terrível o atingindo em cheio.

— Ah — suspirou o príncipe Dain, com um sorriso satisfeito. — Uma pena. Parece que foi *sua* flecha a se desviar. Talvez possa reclamar com nosso pai sobre o cabelo nos olhos.

Apesar de seus protestos, ninguém quis ouvir a versão do príncipe Cardan. Dain cuidou disso. Ele contou a história do descuido do príncipe mais jovem, de sua arrogância, da flecha. O Grande Rei nem concedeu uma audiência a Cardan.

Apesar das súplicas de Val Moren por execução, Cardan foi punido pelo assassinato do mortal como os príncipes são punidos. O Grande Rei mandou trancar Lady Asha na Torre do Esquecimento no lugar do filho, e Eldred ficou aliviado de ter motivo para fazer isso — ele a achava cansativa e problemática. O cuidado do príncipe Cardan foi dado a Balekin, o mais velho dos irmãos, o mais cruel e o único disposto a recebê-lo.

E foi assim que a reputação do príncipe Cardan surgiu. Ele nada podia fazer senão engrandecê-la.

CAPÍTULO

1

Eu, Jude Duarte, a Grande Rainha de Elfhame no exílio, passo a maior parte das manhãs cochilando diante da televisão, assistindo a competições de culinária e desenhos animados e reprises de um programa em que as pessoas precisam completar tarefas furando caixas e garrafas e cortando um peixe inteiro. À tarde, se ele me permite, eu treino meu irmão, Oak. À noite, faço pequenos serviços para as fadas locais.

Sou discreta, como deveria ter sido desde o começo. E, se amaldiçoo Cardan, tenho que me amaldiçoar também, por ser a tola que caiu na armadilha que ele montou para mim.

Quando criança, eu imaginava voltar ao mundo mortal. Taryn, Vivi e eu discutíamos como era, relembávamos os cheiros de grama cortada e gasolina, recordávamos como era brincar de pique nos quintais do bairro e nadar, no verão, nas piscinas cheias de cloro. Eu sonhava com chá gelado feito com pó instantâneo e com picolés de suco de laranja. Desejava coisas mundanas: o cheiro de asfalto quente, o balanço dos fios entre os postes, os jingles dos comerciais.

Agora, presa de vez no mundo mortal, sinto saudade do Reino das Fadas, com uma intensidade cruel. É a magia que desejo, é dela que sinto falta. Talvez eu até sinta falta de ter

medo. Sinto como se sonhasse meus dias, inquieta, nunca verdadeiramente acordada.

Tamborilo os dedos na madeira pintada de uma mesa de piquenique. Mal entramos no outono e já está esfriando no Maine. O sol do fim de tarde pontilha a grama do lado de fora do prédio enquanto observo Oak brincar com outras crianças no pequeno bosque que nos separa da rodovia. São crianças do prédio, algumas mais novas que ele e outras com pouco mais de 8 anos, todas trazidas pelo mesmo ônibus escolar amarelo. Brincam de guerra de forma totalmente desorganizada, correndo atrás umas das outras com gravetos. Duelam como crianças fazem, mirando na arma, e não no oponente, gritando de tanto dar risadas quando um graveto quebra. Não consigo deixar de notar que estão aprendendo lições totalmente erradas sobre esgrima.

Mesmo assim, observo. E reparo quando Oak usa glamour.

Ele o faz de modo inconsciente, acho. Está se aproximando sorrateiramente das crianças, mas atravessa uma área sem esconderijo óbvio. Ele continua avançando e, embora esteja visível, ninguém parece reparar.

Está cada vez mais perto, e as crianças ainda não olham em sua direção. Quando ele pula, com o graveto em riste, todas gritam com surpresa absolutamente autêntica.

Ele estava invisível. Estava usando glamour. E eu, por causa do geas para não ser enganada, só reparei quando aconteceu. As outras crianças acham apenas que ele foi inteligente ou que teve sorte. Só eu sei o quanto foi descuidado.

Espero até as crianças voltarem para casa. Elas vão embora, uma a uma, até só restar meu irmão. Não preciso de magia, apesar das folhas no chão, para me aproximar sem ser percebida. Com um movimento rápido, passo o braço no pescoço de Oak e aperto a garganta com força a ponto de lhe dar um bom susto. Ele recua e quase acerta meu queixo com os chifres. Nada mau. Ele tenta se soltar, mas sem vontade. Já percebeu que sou eu, e não o susto.

Aperto mais. Se eu mantiver a pressão em seu pescoço por tempo bastante, ele vai apagar.

Oak tenta falar, mas parece começar a sentir o efeito da falta de ar. Esquece o treinamento e enlouquece, se debate, arranha meus braços e chuta minhas pernas. E faz eu me sentir péssima. Eu queria assustá-lo um pouco, o suficiente para reagir, não para ficar *apavorado*.

Eu o solto, e ele cambaleia para longe, os olhos úmidos de lágrimas.

— Por que fez isso? — pergunta. E me olha com acusação.

— Para lembrá-lo de que lutar não é um jogo — respondo, sentindo como se falasse com a voz de Madoc, não com a minha. Não quero que Oak cresça como eu, com raiva e medo. Mas, sim, que ele *sobreviva*, e Madoc me ensinou a fazer isso.

Como vou saber dar a ele as coisas certas quando só conheço minha infância horrível? Talvez as partes que valorizo sejam as erradas.

— O que vai fazer contra um oponente que queira machucar você de verdade?

— Não ligo — diz Oak. — Não ligo para essas coisas. Não quero ser rei. Não quero ser rei *nunca*.

Por um momento, fico apenas olhando para ele. Quero acreditar que está mentindo, mas, claro, ele não é capaz de mentir.

— Nem sempre podemos escolher nosso destino — argumento.

— Pode governar *você* se se importa tanto assim! — dispara ele. — Não quero. Nunca.

Trinco os dentes para não gritar.

— Não posso, como bem sabe, porque estou exilada — lembro a ele.

Ele bate um dos cascos.

— Eu também! E o único motivo para eu estar no mundo humano é porque meu pai quer a maldita coroa, e você a deseja, e todo mundo a cobiça. Bom, eu não. É amaldiçoada.

— Todo poder é amaldiçoado — digo. — Os piores entre nós farão qualquer coisa para obtê-lo, e os que melhor usariam o poder não querem o peso em suas costas. Mas isso não quer dizer que podem fugir da responsabilidade para sempre.

— Você não pode me obrigar a ser Grande Rei — rebate ele, então me dá as costas e sai correndo na direção do prédio.

Eu me sento no chão frio, sabendo que estraguei completamente a conversa. Ciente de que Madoc treinou a mim e a Taryn melhor do que estou preparando Oak. Sabendo que fui arrogante e tola em achar que eu podia controlar Cardan.

Sabendo que, no grande jogo de príncipes e rainhas, eu fui varrida do tabuleiro.